

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assinatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa
Anno..... 48800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA
Semestre..... 28400	Anno..... 82000   Trimestre..... 28000
Trimestre..... 18200	Semestre..... 42000   Mer (em Lisboa)..... 700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summari

**Capa:** DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA (cliche da phot. Cardoso & Corrêa) \* **Texto:** MESTRE NA ARTE DE FAZER RIR, 24 illust. \* A NOSSA TERRA, 2 illust. \* AS NOSSAS EXPOSIÇÕES: SIMÕES DE ALMEIDA, 1 illust. \* A FORMOSA MINISTRA DE HESPANHA EM LISBOA, 2 illust. \* LA POR FORA, 3 illust. \* O NOSSO CARNET MONDAIN, 3 illustr. \* DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO EM QUATRO DIAS, 9 illust. \* COMO NÓS VENDEMOS NO CUAMATO, 18 illust. \* SUAS MAGESTADES EM VILLA VICOSA, 14 illust.

# Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 18000 réis o par. Lindos colares de perolas a 18000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa. RUA DE SANTA JUSTA, 96 (junto ao elevador) — LISBOA.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

## Madame BROUILLARD



Do passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronologia e physionomia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamproze, d'Arpenligny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

# L'Epil'vite

CREMA EPILATORIA pronta a ser empregada. Resultado garantido.

Agradeavelmente perfumada, dissolve instantaneamente a barba, os pelos e os mais duros do rosto, e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada. e M. A. GRAZIANI, Phar. de 1ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris. Agentes de Portugal: L. URIEL & DELGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.

# Somatose

Reconstituinte de primeira ordem.

Estimula fortemente o appetite.

Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

# DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e

grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogo a J. CASTELLO BRANCO, Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

# LOCAO DE QUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo. L. DEQUEANT, Pharmacien, 19, Rue Cassinacourt, Paris. Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deveo dirigir para todas as informações gratuitas. A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

As GOTTAS CONCENTRADAS de FERRO BRAVAIS

São o mais efficaz remedio contra ANEMIA CHLOROSE, CORES PALLIDAS

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os medicos do mundo. Não constipa o ventre. Não emagrece os dentes — Não em pouco tempo SAUDE — VIGOR — FORÇA — BELLEZA

Desaparecem as Irritações

Se se vende em botas e em Píulas

Farm. Bravais e Co. S.ºa. — Invenção: 130, Rue Lafayette, PARIS.

O THEOURO DA CABELLEIRA

Antiseptico Regenerador Perfumes deliciosos

# PETROLEO HAHN

Evita a Queda dos Cabellos

Recusar, por serem perigosas e inefficazes, quaisquer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.

F. VIBERT, Lyon (França)

DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS E DROGARIAS

MARCA DE FABRICA

ALIMENTO DELICIOSO!

# BANANINE MIALHE

Farinha de Bananas esterilizada chocoistada e phosphatada

Recomendada aos estomagos delicados

CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS

Farmacia do D. MIALHE, PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA 8, rua Favart, PARIS

ESGROFULA \* CHLORO-ANEMIA

Authenticas de Paris)

# PILULAS DE BLANCARD

Exigir o verdadeiro Produto (assinatura, etiqueta verde, e endereço)

# KAROPE DE BLANCARD

40, Rue Bonaparte, PARIS (6.º arr.)

LYMPHATISMO \* DEBILIDADE

1840

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPELHICO

ou Leite Chandem

para o maquiado com agua, dissipa a barba, os pelos e os mais duros do rosto, e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada. e M. A. GRAZIANI, Phar. de 1ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris. Agentes de Portugal: L. URIEL & DELGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.

Farinha lactea

# Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

# MESTRE NA ARTE DE FAZER RIR



Walter

TENHO um grande prazer em lhes apresentar Little Walter.

N'uma terra em que todos teem... o espirito dos outros e em que o riso é planta que não fructifica, este *clown*, que na vida exterior é um verdadeiro *gentleman*, representa a personificação mais absoluta e mais integra da alegria e do bom humor. É quasi aggressivo e erriçado este facies sempre aberto e sempre zombeteiro. Pois eu, que sou um triste, com a minha figadeira arrelhiada e molesta, hei-de forçosamente rir, só porque Walter fez um gesto, ou apresentou um corte estapafúrdio de pantalonas, uma camisa de mulher, umas tranças arrebitadas como chifres? Mas rio, e perco toda a minha gravidade melancolica. Logo, isto é mathematico e simples como um axioma: — este palhaço tem graça.

Meu Deus! Esta graça não deriva, n'elle, apenas da phrase ou da singela palavra atirada do meio da pista á multidão. Tem ramificações, pequeninos segredos que passam despercebidos a muita gente, diffi-

culdades que poucos apprehenderão com rapidez e á simples vista. Walter, para compôr um typo e dar lhe a exactidão ridicula que elle requer, estuda, — e estuda muito e bem. Verdade é que o comico está dentro d'elle, sem elle mesmo dar talvez por isso. Nasceu assim.

A cara, — Lisboa inteira tem o visto — não é angulosa, antes accusa uma certa regularidade de linhas que desesperam o observador. O nariz é bem feito, os olhos são expressivos sem scentelha especial em que se vislumbre traço de hilaridade; e no emtanto, elle entra, ao som da sua marcha assoprada quasi inconscientemente pela orchestra, de tão batida já, — e logo se sente na turba esse arrepio, o marulho lento d'esse mar de sons que não são ainda palavras, o volver curioso de cabeças inclinadas para a entrada da *barreira*. Mas Little Walter apparece por outro lado ou entalase na *geral* entre uma velha salaioa que se esbandalha a rir e um grave cidadão de carapuça, com cara de poucos amigos, o enorme bengalão mettido entre os joelhos.



As primeiras bolas

— Que faz você ali? pergunta-lhe cá de baixo o *partenaire*.  
E elle, n'aquella voz afluata e vibrante de estrangeiro que fala o portuguez:

— Estou aqui com minha familia!

E' uma gargalhada pegada e larga. A salaio rebola o corpo para o lado fugindo a uma caricia; e o homem do bengalão digna-se abrir um sorriso contrafeito — mas não recalcitra.

O *palhaço* é para esta gente toda o homem que tem obrigação de a fazer rir. Cumpriu o seu papel? Está certo. Ninguém se offende. Passa, é applaudido. Mas se tem, como Little Walter, requisitos superiores que o recommendam á attenção do espectador, já o publico o não applaude só com benevolencia; vae mais longe, agradece-lhe o esforço e a boa vontade, reconhece-lhe o talento comico, include-o immediatamente na galeria dos seus artistas predilectos e é sempre com o ar de quem recebe a sorte grande que lhe dá o premio do seu applauso espontaneo.

Tem-se contado de muitos *clowns* celebres — e é, de resto, uma verdade muito reconhecida e geralmente acceita — que o riso é, n'elles, uma forma postica e perfeitamente exterior, — como o riso do actor que muda de cara quando surge de um bastidor para a luz da ribalta, e contrae immediatamente os musculos da face, na postura natural, logo que de novo recolhe de fazer o seu papel. Veiu ha annos a Lisboa um grande *clown* inglez, Belling, que era um neurasthenico e, por consequencia, um *misanthropo*.

Ha de lembrar-me sempre um bello e commovido artigo de Claretie, pedindo a attenção do publico parisiense para um velho palhaço que fizera rir Paris inteiro, moços e velhos, pessoas sizadas e creatas desevoltas: — *Chocolat*. Era um preto. Com a sua cara larga e bonacheirona, o seu riso que lhe deixava brilhar na carantonha de ebano a dentadura reluzente, *Chocolat* era, no entanto, fóra do circo, um triste. Conseguiu passar uma vida inteira a enganar os outros, com a sua cara alegre, hilare e comico como os histrões. Mas a idade veiu, veiu com a idade o *spleen* da vida, a saciedade do riso falso. Uma bella noite quiz rir, rir muito, cabriolar toda a sua ridicu'a figura pela arena; mas foi apenas um soluço que lhe saiu da garganta estrangulada. O publico pateou o seu idolo, sem se lembrar do esforço herculeo que o pobre diabo fizera largos, tantissimos annos para lhe fazer esquecer n'um quarto de hora de alegria todos os infortunios da vida!

Nós tivemos em Lisboa —



ha quantos annos isto vae!—no velho Price do Salitre, um *clown* que fez epocha em Portugal, *Tony Grice*, excel'ente artista, grande saltador, correcto no seu *metier*, magnifico nas suas entradas, mas, para grande parte do publico, um pouco frio como comico. Não acertava com o lado ridiculo da vida. E não se podia dizer que não fosse um excellente *clown*!

Houve, porém, um dia, em que o circo se abalou até aos seus profundos alicerces, ni convulsão de uma gargalhada unica, home-rica, phenomenal.

Tony Grice namorou e casou em Lisboa com uma filha de D. Rafael Diaz, empresario muito conhecido de todos os portuguezes. Foi um acontecimento. Claro que n'essa noite não trabalhou. Mas na noite seguinte, o *clown* apresentou-se e entrou na altura que a *tabella* lhe marcava. Fez o seu numero, foi muito applaudido e dispunha-se a retirar-se depois das costumadas venias ao publico. Este, porém, se houve noite em que recalcitrasse nas chamadas foi essa, querendo que o artista fizesse mais alguma coisa. O pobre Tony Grice voltava a agradecer, já muito arreliado e massado. Até que, não se contendo mais, chega ao meio da pista, pede silencio e diz:

—Minhas senhoras e meus senhores, peço desculpa de não executar mais nada. Mas casei hontem e estou muito fatigado.

Foi talvez a unica noite em que o Tony Grice



Este é meu Filho

teve graça a valer... e sem querer!

Little Walter, fóra da pista é o mesmo rapaz alegre e despreoccupado, com espirito, conversador, arguto, vindo tudo por um prisma cheio de sol. Dir-se-hia que usa sempre a lendaria luneta cor de rosa de Gautier.

Quando eu lhe pedi que me contasse a sua vida, n'um dos intervallos do espectáculo de circo, Walter teve um gesto de aquiescencia modesta.

§ 1—A minha vida tem pouco que contar. Mas o senhor quer saber...

Registro ainda outra distincção n'este *clown*. E' raro, rarissimo, que, falando mau portuguez, elles nos tratem por *senhor*. Quasi todos dizem *você*, palavra que lhes é mais facil de pronunciar no decurso dos seus intermedios comicos.

—Quero saber tudo par transmittir tudo ao publico, com a maior fidelidade.

Elle então desfiou-me a sua vida.

Começou por acrobata e *icyer*—a sua primeira profissão. Mas não vendendo furo por aqui, abandonou a *troupe* de que fazia parte e apresentou-se como *clown*—o seu sonho dourado!—na mais velha e mais celebre *troupe* de circo que tem existido no mundo—*Circus Renz*. Ninguém fazia caso d'elle, era um comparsa inutil, que se tinha quasi por commiseração. Instou, pediu, supplicou que não o mandassem embora.



O pae e os filhos



—Não me despiram, é verdade, mas os papeis que me distribuiram!... Comecei a fazer de *clown* a 3 *shillings* por dia. Como não tinha meios nem queria pedir nada à minha família, para debutar gastei 4 *shillings* (toda a minha fortuna!) na compra de um traje. Escusado é dizer-lhe que, por esta quantia, não podia ambicionar um fato luxuoso...

Uma bella manhã foi a um ferro-



Walter não abandona, porque a considera uma verdadeira *mascotte*.

—Foi assim, sem querer, que crei o typo que hoje se chama, no nosso *metier*, A' WALTER,—como se diz um *beej* à *Chateaubriand*...

Naturalmente, ninguém de principio fez reparo no debutante. Walter era perseverante, teimoso e ambicioso. Prepara-se na *troupe* uma grande pantomima, d'o-lhe uma rabula,



velho, comprou uma sobrecasca ca preta, um enorme collete branco, umas calças muito compridas e um par de botas de militar (as mesmas que ainda hoje lhe servem) e que Little

Walter, de *Isota*  
—Diversas altitudes na fabula do Corvo

—e d'essa rabula<sup>3</sup> faz elle um dos papeis mais importantes, tal como o nosso Antonio Pedro, quando lhe distribuiram o coveiro do *Hamlet*. Não se limitou a desempenhar o que lhe



tinham confiado. Inteligente e vivo, fez muita coisa de sua própria conta e conseguiu fazer-se notar.

Nunca, no início da sua vida artística foi auxiliado por um camarada. Não que elle tinha já o estofado de um comico e de um concorrente sério! Diziam-lhe o peor mal possível do *métier* para o descorar. E quantas vezes o pequeno palhaço chorou de raiva pelas difficuldades que lhe creavam!

Mas um bello dia, Barnum, o

grande e celebre empresario americano, reparou n'elle, contrata-o para fazer uma *tournee* na America. Parte, é o judeu errante da graça e do riso. Todos os dias mudam de cidade. Impossível conquistar sympathias com um publico que se renova todas as noites!

—Eu era, porém, *new-gener*, como dizem os *yankees*.

Finda a *tournee* recolhi a New-York, onde trabalhei um anno a fio em *Madison Square*. Foi ali, posso dizel-o, que adquiri a fama que tenho hoje.

De New-York passa a Paris, onde trabalha no Hyppodromo, indo todos os invernos a New-York, durante cinco annos, até á morte do empresario, que era seu verdadeiro amigo. Mas a Europa já lhe pagava o sufficiente para se poupar á travessia dos mares. Fez uma *tournee* pela Inglaterra e por todo o norte da Europa; e um bello dia, — que devia, forçosamente, ser um dia radioso — apparece em Lisboa, onde passa quasi despercebido, porque o seu genero e a sua maneira de trabalhar precisam de ser vistos muitas vezes até serem bem comprehendidos.

—Olhe que eu tenho intermedios que, quanto mais vistos, mais agrado merecem.

Só pela segunda

vez que cá veiu é que conseguiu ser notado. Com a d'este anno, é a septima que vem passar o inverno a Lisboa.

—Póde crer uma coisa: quando cá não estou, ando doente, parece que me falta alguma coisa: o clima, em primeiro logar; depois, esta boa e cordeal amizade de todos os lisboetas, — o que nunca encontrei em parte alguma do mundo. A gente do norte é muito mais rigida e mais fria.

E o celebre *clown* acrescenta, com uma leve commoção:

—Adoro Lisboa, porque sei que t'inho em cada espectador um amigo e dá-me a impressão de que trabalho na minha terra. Já considero Portugal como a terra onde nasci, porque, por muitos laços de familia, eu sou portuguez. Minha mulher nasceu em Coimbra, meu filho — é o MEU FILHO! — nasceu em Lisboa e toda a familia da minha mulher está enterrada no solo portuguez.

Quando vejo approximar-se o fim da epocha tenho luto na alma. Ah! quese eu tivesse uma pequena fortuna e não precisasse de

trabalhar!... Nunca mais sabiria d'aqui! A' queima-roupa, disparo-lhe esta pergunta:

—Você chama-se verdadeiramente Little Walter?

—Não. O meu verdadeiro nome é Walter Ulric Alexandre. Mas tarde adoptei o nome de Little Walter porque toda a gente, — falo do nosso meio

de artistas — me chamava o pequeno Walter. Como estive muito tempo na America e na Inglaterra, annunciavam-me nos cartazes *The Little Walter*: —conservel este nome que me ha de acompanhar até á cova.

—A sua familia é de artistas?

—Não é. Meu pae é architecto, tenho um irmão que estuda o curso de engenheiro na universidade de Liège e outro que deseja seguir a vida de meu pae.



A esposa de Walter



— Está contente com a sua profissão?  
 — Oh! quero-lhe com toda a minha alma e tenho orgulho do meu *métier!*  
 — Diga-me, Walter, como é que você faz para agradar ao publico? Que meios é que emprega?  
 — Quando me apresento pela primeira vez deante de um publico que não conhece, começo por tactear, por apalpar, cuidadosamente...

sua pequena *valise* n'uma das mãos, a bengala na outra.  
 — Mas como é que *você* quer trabalhar se ainda não está vestido?  
 — E' muito simples. Visto-me aqui mesmo!  
 E veste-se, cara-



Faço, n'um intermedio, um bo-cado de cada um dos que tenho no meu repertorio. — muitas vezes 12 ou 15 intermedios reunidos. Decompo oho os assim e acabo por encontrar o gosto da multidão, porque lhe dou uma grande variedade para escolher e para todos os paladares — geral, *fautuils* e camarotes.

Esses intermedios são, em verdade, sem conta. Cito, ao acaso da memoria, aquelles que me deixaram mais impressão. Um d'elles, genero fino, para os camarotes e *fautuils*. O Walter tem de entrar na pista, mas não apparece. A or-



A menina Rosa

cterisa-se, como se estivesse no seu camarim, dizendo *blagues* que o publico saboreia gulosamente, como se saboreia, aos golos, um licôr.  
 — Tenha paciencia e sofra o meu interrogatorio: em que anno veiu pela primeira vez a Lisboa?  
 — Em 1897.

— Tem tenção de fazer dos seus filhos artistas tambem?

— São esses os meus desejos porque elles já mostram vocação.  
 Verdadeira voca-

ção! O filho do celebre artista é já uma radiosa promessa, uma imitação perfeita de seu pae.

Pergunta-se-lhe:

— Quanto queres ganhar? Tres mil francos?  
 E elle,

promptamente, lepi-do e importante, como se pedisse todo o dinheiro dos *Rotschülds*:

— *Non. Trois vintens...*

Continuo o meu inquerito.

— Quantos intermedios tem?

— Approximadamente — *posso provar o á evidencia* — uma centena de intermedios comicos diferentes. E quan-



chestra toca pela terceira vez a sua marcha; — e nada! Então um collega vem ao meio da pista e começa a dizer ao publico que, não estando presente o clown Little Walter...

— Espere ahí, homem, já cá estou, venho da Porcalhota...

E' elle, no seu traje de janota, tal como anda na rua, a





to a *blagues*, essas n'ò têm conta.

— Em Portugal, naica trabalhou senão em Lisboa?

— Trabalhei uma vez no Porto, no theatro D. Affonso, ha 11 annos, mas poucos dias. O empresario do Colyseu foi-me lá buscar e nunca mais ali voltei.

— Qual é o intermedio que prefere?

— Aquelle em que tenho de falar menos e, por consequencia, em que posso fazer a pantomima por gestos que é uma das minhas glorias reconhecidas e que todos os publicos comprehendem.

E', de resto, uma das suas corôas de gloria, — a mimica. Walter, sem dizer uma unica palavra, parado no meio da pista, com o seu fato caricatural, o seu esgare de comico, o ge-to branco, quasi unctioso, com que atira ao publico o *sopro de um movimento* — se assim se pode exprimir a sua hilarante attitude — faz rir de gosto, sem esforço, como se corresse pelo dorso da multidão o arrepio de uma gargalhada incrível. Disse-hia um filtro mysterioso que o *clown* traz consigo e que espalha na sala, a occultas de todos os olhos.

Alguem disse ahi que Little Walter, que toda a sua vida tem sido um *clown*, desejava abandonar o seu *métier* pelo *métier* de actor. Perguntei-lh'o.

— Eu lhe digo... Talvez me faça actor... quando estiver resolvido a morrer de fome com a minha mulher e os meus filhos.

Tem razão, Little Walter. A nova carreira só lhe serviria para frequentar com assiduidade — o *pre-go*.

A campanha do *regisseur* chama os artistas á *barreira*. Não me é permitido abusar mais tempo da amabilidade do popular *clown*.

— Uma ultima pergunta e terei dito aos leitores da *Illustração Portugueza*, em traços largos, a sua biographia artistica: quaes são os *clowns* celebres que mais admira?

— Não é muito facil responder á sua pergunta... Tenho conhecido tantos! Mas cito-lhe os nomes dos principaes: *Billy, Hayden, Tom Belling, Pieraioni, Sallamontes, Gongon, Footitt, Tony Grice*...

Pois eu, com franqueza, o que mais me agrada é Little Walter!

J. S.

(CLICHÉS DA PHOT. VARGUES)



# A NOSSA TERRA

PAIZAGEM AÇORIANA



*Lagôa das Sete Cidades—Lagôa das Furnas*

(CLICHÉS DE A. J. RAPOSO, DE FONTE DELGADA)

# AS NOSSAS EXPOSIÇÕES. SIMÕES DE ALMEIDA



(Cliché da photographia Bobone)

A segunda serie das nossas exposições de arte abre este anno com a da obra do insigne estatuario Simões de Almeida, illustre director da Escola das Bellas Artes e o professor auctorisado e prestigioso a quem se deve a educação, e sobretudo o suggestivo impulso e o disvelado incitamento de alguns dos mais talentosos esculptores novos.

E' a obra de um dos nossos mestres consagrados que vae poder ser apreciada no seu conjunto harmonico, e que vae tambem, decerto, fazer congregar no salão de festas da *Illustração Portugueza* toda a élite intellectual e mundana da capital. De antemão podemos ter, pois, a segurança de que o exito das nossas exposições d'este anno não será inferior ao que tão lisongeiramente alcançaram as suas precedentes, as quaes foram, de resto, as unicas exposições de arte que Lisboa teve o anno passado.

A nova serie de exposições, que encetamos agora com a dos trabalhos de Simões de Almeida, tem inicialmente um objectivo commum, que nos parece

deverá ser acolhido com sympathia por quantos se interessam pelas coisas artisticas. O principal intuito das exposições planeadas pela *Illustração Portugueza* para este anno é effectivamente o de proporcionar ao publico o conhecimento, pelo menos na sua parte essencial, da obra dos nossos artistas primaciaes, já indisputavelmente consagrada pela critica, e que d'este modo obterá igualmente, por sua vez, a consagração inteira e definitiva d'esse publico, que, pela falta quasi geral da educação esthetica, ainda mal a conhece.

Para este fim contamos, desde já, com a colaboração das diversas corporações artisticas do paiz, e temos, portanto, fé em que conseguiremos realisal-o de um modo completo, como esperamos que a exposição de Simões de Almeida, que abre dentro de poucos dias, seja d'isso e já a primeira demonstração. A idéa da *Illustração Portugueza*, que tantas sympathias colheu desde a sua enunciação, não deixará, pois, de ser tambem, na sua realisação pratica, um successo correspondente.

# A FORMOSA MINISTRA DE HESPAÑHA EM LISBOA

As chronicas mundanas celebraram, ha pouco, com longo e merecido echo, a apresentação na cõrte da nova ministra de Hespanha, cuja elegancia requintada e nobreza de attitude tão legitima sensação causaram na grande recepção do primeiro do anno, que se realisou, conforme o costume tradicional, no palacio da Ajuda.

A sr.<sup>a</sup> condessa de San Luis, que possui, na realidade, uma admiravel formosura, em que raramente se conjunctam todas as graças e gentilezas das mulheres bonitas do seu paiz de sol e de belleza com o mais soberano encanto e linha aristocratica de porte, tendo regressado a Lisboa recentemente, n'esse dia em que fez a sua apparição na cõrte obteve, por direito de indiscutivel conquista, o mais lisongeiro successo. Toda a nativa distincção da sympathica ministra de Hespanha e a finura do seu rosto eram ainda realçadas pela sua deliciosa *toilette*, de aprimorado bom gosto, e o brilho e riqueza das joias que a adornavam. O vestido, de um delicado azul pallido, era *signé* Worth, e o largo e amplo manto graciosamente bordado de pedras *clair de lune*. Ao peito, a sr.<sup>a</sup> condessa de San Luis apresentava a banda da ordem, de que faz parte, das Damas Nobres de Maria Luiza.

Descrevendo a cerimonia da recepção e a sensacional apresentação n'ella da sua formosa compatriota, dava



A nova ministra de Hespanha

um jornalista hespanhol este expressivo testemunho, que nos apraz registar na sua propria lingua, que seria insubstituivel n'um ponto da traducção:

«Aravesó el salón del Trono entre murmulos de admiración, y cuando, después de haber co singular donaire la reverencia de corte, pasó entre la fila de dignitarios lusitanos, tengo entendido que algún portugués, entusiasmado, la saludó con la clásica frase española de «Bendita sea tu madre, salero». Asi me lo asegura quien la oyó.»

O sr. conde de San Luis, que ha cerca de dois annos occupa em Lisboa o elevado posto de ministro do seu paiz, tendo encetado na nossa cõrte a sua carreira diplomatica, depois de ter exercido antes o cargo de governador de Madrid, e que é um illustre gentleman, tem sabido alcançar todas as sympathias da nossa melhor sociedade. Sua esposa, pela gentileza e encanto que d'ella emanam, não tem feito senão tornar mais vivas e cimentar essas sympathias.



O sr. conde de San Luis

# LÁ POR FÓRA



devendo a sua victoria estar ainda bem viva na memoria. O segundo, mais importante, e até certo ponto decisivo, é que acaba de conseguir o *sportsman* inglez Henri Farman, na recente experiencia em que ganhou o premio Deutsch-Archdeacon de 50 mil francos, o estabelecido para ser attribuido a um apparelho mais pesado que o ar, que, elevando-se de um ponto fixo, devia virar a quinhentos metros e depois, sem tocar no solo, regressar ao sitio da partida marcado n'uma área de 50 metros.

Foram essas as condições que Farman cumpriu á risca, realisando assim o primeiro kilometro fechado em aeroplano, no curto dispendio de um minuto e vinte e oito segundos de tempo, o que representa uma velocidade de cerca de 40 kilometros por hora. Quem seria capaz de prever um tão lisonjeiro resultado ha ainda bem poucos mezes? E' claro que, apesar de todo o seu merito excepcional, não póde dizer-se por ora,—bem longe d'isso, até,—que elle seja completo, mas o que resta ainda a fazer, embora muito como é, afigura se-nos agora bastante mais facil e relativamente simples até.



Henri Farman. Ao seu lado esquerdo o sr. E. Archdeacon, um dos instituidores do premio de 50 mil francos—O aeroplano attingindo o ponto de partida, no regresso do percurso exaltado—Farman recebendo, depois de realisa-da a prova, felicitações do sr. H. Deutsch, o outro instituidor do premio  
(CLICHÉS DE M. ROLL & C.º)

QUASI só falta ao homem conquistar o dominio do ar, e por isso sabios e *sportsmen* afanam-se com igual entusiasmo em procurar a solução do velho problema da navegação aerea. As tentativas e experiencias tem-se repetido successivamente nos ultimos annos, sendo cada vez mais progressivos e vantajosos os resultados que vão sendo alcançados no sentido de resolver a questão, quer por meio do balão, mais leve do que o ar, quer pela aviação ou o mais pesado que o ar, como parece ser mais logico.

O primeiro triumpho valioso dos aeroplanas foi obtido por Santos Dumont, ha pouco mais de um anno, n'um vôo de 220 metros,



# O NOSSO CARNET MONDAIN



O casamento da sr.<sup>a</sup> D. Amalia Victoriana Fernandes com o sr. alferes José Francisco Lopes  
*A partida da noiva para a igreja—Os noivos e os convidados—No regresso da igreja*

# DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO EM QUATRO DIAS.



EL-REI D. CARLOS E O PRESIDENTE AFFONSO PENA. O encurtamento - I

das viagens não poderá deixar de determinar, como resultado logico, um estreitamento de relações entre os dois paizes

Na visita de despedida que o director da *Illustração Portuguesa*, na sua recente viagem ao Brazil, teve a honra de fazer ao Presidente da Republica, a conversa entre o supremo magistrado da grande nação americana e o escriptor portuguez recahiu sobre o grandioso projecto de uma Lisboa porto livre, entreposto commercial do Brazil e caes de desembarque europeu para os passageiros da America do Sul.

Na sua voz calma, que tão impressionadoramente contrasta com a agitação fe-

bril de melhoramentos e progressos a que está presidindo a figura veneranda do Presidente, o sr. dr. Affonso Pena disse então:

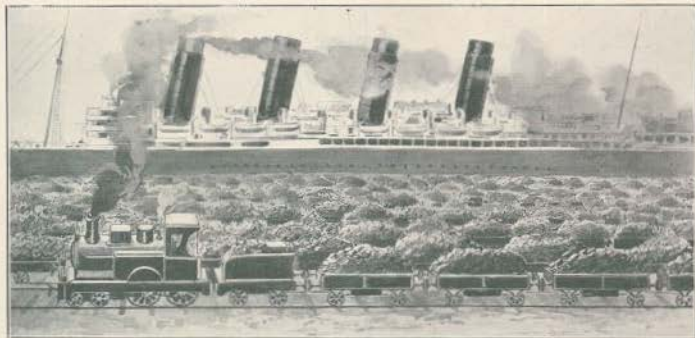
—Quando, n'um futuro muito proximo, o Rio de Janeiro estiver a seis dias de Lisboa, o seu sonho será uma realidade e as relações economicas entre os dois paizes irmãos attingirão o mais consideravel desenvolvimento...

O Rio de Janeiro a 6 dias de Lisboa! E porque não? O problema está já mesmo resolvido na pratica. Os ultimos raids de



navegação transatlântica entre Liverpool e Nova-York são o sensacional prenuncio de uma revolução, não só económica mas geographica. As distancias passarão a medir-se no tempo e não no espaço. Este o criterio novo

Lisboa e Rio, instinctivamente a nossa vaidade de hypercivilizados admite sem esforço a possibilidade maravilhosa de reduzir a 4 dias, a 3 dias, o percurso immenso do Atlantico! A humanidade assistiu sem emoção ás victorias



O EMBARQUE DO CARVÃO — Não caes accumulam-se 500 vagões com 12 mil toneladas de carvão, para encher os paioes do monstro

que subitamente vem approximar os continentes, enlaçar de perto toda a vida mundial.

Se já agora o monstruoso *Mauritania* levantasse ancoras do Tejo com a prôa ao Brazil, consumiria apenas 100 horas — ou sejam 4 dias e 4 horas! — para alcançar Pernam.

E sendo a distancia entre o Recife e o Rio de Janeiro de 2:000 kilometros approximadamente, gastar-se-hia de uma a outra cidade, da Veneza da America á Capital Federal, um dia e seis horas apenas, que sommos a quatro dias e quatro horas nos dão para o percurso de Lisboa ao Rio com escala por Pernambuco pouco mais de 5 dias e meio!

Assim, se o problema pôde parecer a principio demasiado temerario, a sua immediata resolução amesquinha-o desde logo. Cinco dias e meio! E esquecendo-nos dos morosos 14 dias que o *Clyde* gasta na travessia entre

maritimas dos grandes transatlânticos francezes, allemães e inglezes. Nada mais parece inexequível ao homem que mede a distancia dos astros, que prevê os eclipses, que descobriu os mysterios da radio-actividade, que está em vesperas de descobrir a navegação aerea, que poz os continentes em correspondencia por meio do telegrapho sem fios. Ao reinado da fé theologica succede o reinado da fé scientifica. O incredulo de hoje é como o hereje de hontem: um reprobado.

Encaremos, porém, o problema sem quaesquer desvairamentos de phantasia. Desde o primeiro navio a vapor até hoje, em que se empregam turbo-motores aperfeiçoados e sensiveis ainda de melhora mentos



A MACHINA MOTORA — O espaço por ella occupado é, como se vê da estampa, maior do que o de algumas das principaes praças publicas do paiz

consideraveis, a engenharia dispendeu os mais colossaes esforços. Só o calor vital dispendido por todos os operarios que na Europa trabalham em machinas, n'um pequeno percurso de quinze annos, seria o suffi-

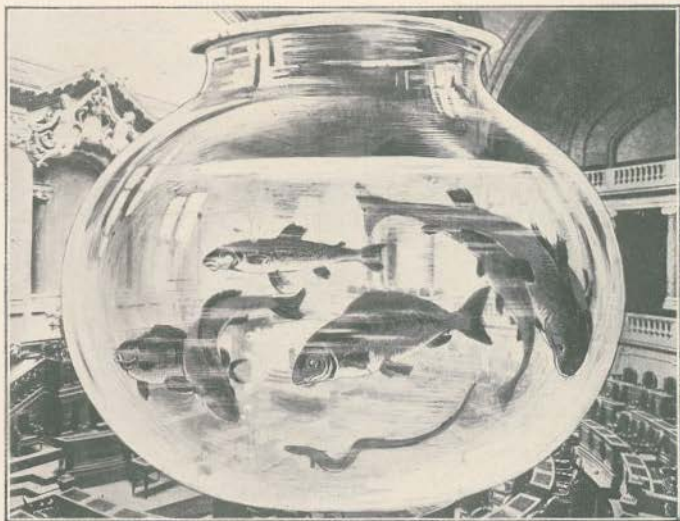


ciente para, condensado e transformado em trabalho motor, levantar em 24 horas, a 36 metros de altura, tres vezes a massa da terra!

As antigas machinas de vapor, pesadas e imperfeitas, porque não podiam produzir grandes velocidades? Porque lhes faltava uma qualidade primacial: a facilidade de vaporização. Foi só depois de trabalhos pacientes, entre elles os de Serpollet, que se conseguiu quasi plenamente resolver o difficilimo obice. Hoje obtem-se a vaporização rapida, quasi instantanea, de grandes massas de agua, quer por meio de caldeiras multitubulares, quer por meio das do genero Serpollet, que apresentam ao aquecimento uma superficie maxima. D'essa grande conquista não puderam, todavia, ainda

Tejo, em direcção ao Brazil, um d'esses paquetes de 50:000 toneladas de deslocação e de um quarto de kilometro de comprimento? Quando verá o Rio de Janeiro atracar aos seus novos e grandiosos caes esses leviathans dos mares?

A's 9 horas e 3 minutos da manhã do dia 13 de setembro do anno passado, passava a barra de Sandy Hook e entrava no porto de Nova-York o mais gigantesco vapor que então percorria o oceano: o paquete inglez *Luzitania*. Nos caes comprime-se uma multidão entusiastica. No convez, 2:200 passageiros, que o *Luzitania* conduziu de Liverpool a Nova-York em 5 dias, 7 horas e 33 minutos, agitam os lenços e correspondem ás aclamações.



A ALIMENTAÇÃO DE BORDO — O peixe consumido em cada viagem, cujo peso attinge 4 mil kilogrammas, necessaria, para ser conservado vivo, de um aquario do tamanho da sala das sessões da camara dos deputados

beneficiar senão alguns dos povos do globo. Ao passo que os Estados-Unidos se utilizam já dos enormes transatlanticos de 240 metros de comprido, que em quatro dias e poucas horas transportam o millionario de Nova York aos *five-o'clock* do Ritz e as bellezas profissionais da 5.<sup>a</sup> Avenida aos *ateliers* de Paquin e da Laférière, são ainda os pequenos e anachronicos paquetes de 5:000 toneladas, como o *Nile* e o *Magdalena*, que no passo lento de 15 milhas — quando o não atrazam para 14 e para 13 — põem o Rio de Janeiro e Buenos Ayres em comunicação com a Europa.

Quando veremos nós sahir a barra do

Qual a razão de todo aquelle entusiasmo? E' que o *Luzitania*, que pela primeira vez faz a viagem do Atlantico, é o mais colossal dos palacios fluctuantes da carreira da America. Mais formidavel ainda que os dois enormes barcos allemães *Kaiser Wilhelm II* e *Kronprinzessin Cecilie*, cada um dos quaes tem 215 metros de comprido, maior que o *Adriatico* e o *Baltico*, que medem 222 metros, o *Luzitania* tem 240 metros de comprimento, ou seja pouco menos da quinta parte da Avenida da Liberdade! Sobre o seu convez poder-se-hiam alinhar doze columnas de dimensões eguaes á da praça do Rocio. As mandardas pombalinas da rua do Ouro ficariam

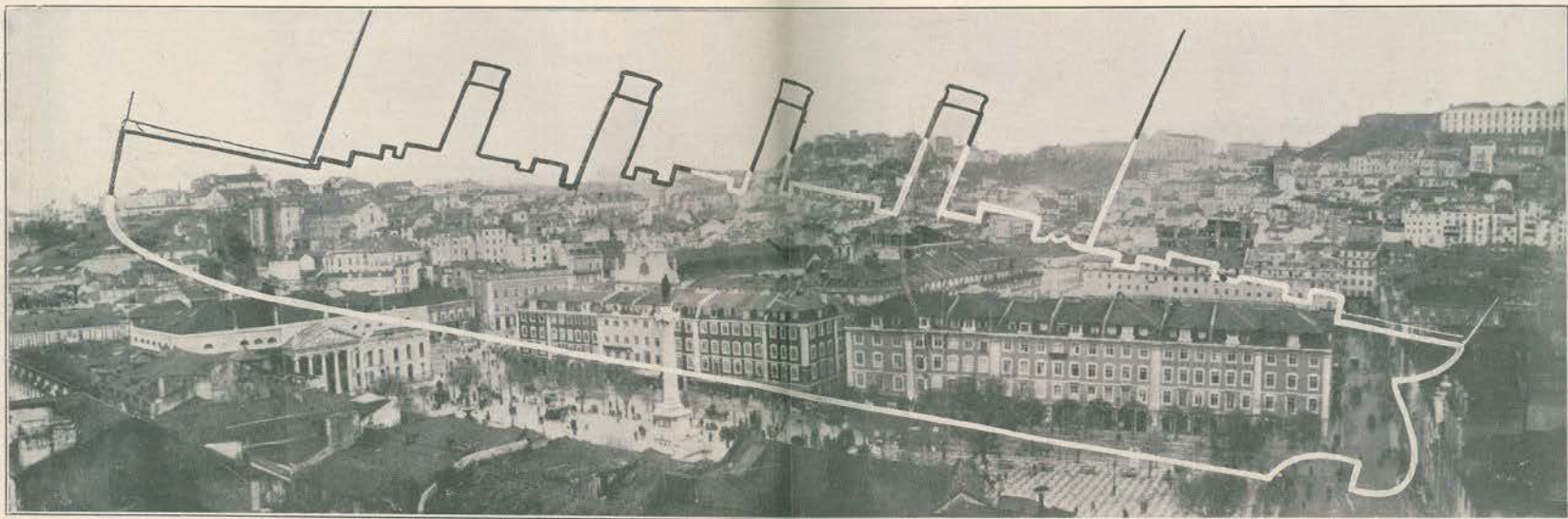
abaixo do seu convéz. As suas chaminés monstruosas, da altura de 48 metros, olhariam de alto o zimbório da Estrella, que tem de altura 44 metros apenas! Como o *Mauritania*, o *Luzitania* mede 26 metros 34 de largura, 18 metros 40 de profundidade e dispõe de uma força motora de 68.000 cavallos em vapor. A sua equipagem é de 827 homens e a sua lotação de passageiros de 540 em 1.ª classe, 460 em 2.ª e 1.200 em 3.ª repartidos por 258 cabines de 1.ª, 145 de 2.ª, 302 de 3.ª. N'uma viagem de ida e volta entre Liverpool e Nova-York, o *Luzitania* consome 500 vagões de hulha, ou sejam 72.500 toneladas, com as quaes se fabricaria o gaz necessario á iluminação de Lisboa ou do Rio de Janeiro durante

um semelhante navio seriam necessários portos de commercio da vastidão do Rio de Janeiro, de Lisboa e de Brest...

Descançemos por um momento a imaginação perturbada pelo desvairemento d'estes algarismos fabulosos, procurando quanto possível objectivar-os para em seguida os applicar ao desenvolvimento da thesèe inicial d'este desprezencioso artigo de vulgarisação. A entrada d'estes colossos nas carreiras da America do Sul, pondo a cidade de Pernambuco a 4 dias de Lisboa, immediatamente transformaria toda a actual noção economica de transporte. Para um paquete

velocidades correspondentes ás grandes superficies. A formidavel tonelagem dos navios para velocidades crescentes offereceria ao embate do mar uma progressiva superficie de resistencia. O gigante tenderia então de novo a ser anão. Ensaída a velocidade maxima dentro dos cavernames colossaes, a engenharia procuraria conciliar a velocidade com a economia, cedendo ás mercadorias o espaço enorme atravancado pelo carvão e pelas machinas gigantescas. É um novo navio sulcaria os mares. Esguias cidades fluctuantes, fendendo as ondas com o gume afiado das proas, os paquetes seriam impulsionados pela propria energia do oceano, pela força inconcebivel recolhida do seio palpitante do mar! Por no-

que recolhidos em reservatorios especiaes e misturados em certas proporções produziriam um gaz detonante á passagem de uma faisca electrica, e capaz dos maiores efeitos. E assim se obterá um novo e poderoso motor de explosão. Mas a imaginação dos homens é fecunda e a sua phantasia illimitada. Nem só o mar é força, nem só a agua tem energia! A atmosphera é tambem uma força e nas suas convulsões ás vezes colossaes, capaz de voltar mundos e produzir catastrophes, poderia tambem o engenho humano ir buscar espantosas energias, veríamos então os navios movidos electricamente. No porão, poderosas baterias de accumuladores leves, do typo Grove aperfeçoado, receberiam a energia electrica



UMA COMPARAÇÃO FLAGRANTE — Os maiores paquetes até hoje construidos são o *Luzitania* e o *Mauritania* cada um dos quaes tem 240 metros de comprimento. Nenhum d'elles caberia no Rocio, cujo comprimento é apenas de 60 metros

mais de 20 dias! O custo d'este gigante dos mares foi de 4.000 contos e na sua ultima viagem o colosso galgou os 2.782 nós maritimos que separam Queens-town de Nova York em 4 dias, 19 horas e 52 minutos!

Entretanto, o homem, insatisfeito, planeja já o paquete de 300 metros, com 30 nós de velocidade! Segundo os calculos feitos, o paquete de 300 metros deveá ter uma largura de 33<sup>m</sup>,50, uma profundidade de 30 metros e uma tiragem de agua de 15 metros. Com a carga maxima, a sua deslocação seria de 80.000 toneladas, e o consumo de carvão elevar-se-hia a 3.000 toneladas por cada 24 horas! Para receber

que consome 3.000 toneladas de carvão diariamente, os percursos teriam de ser reduzidos ao minimo, dada a necessidade de alojar nos paiotes 2.400 vagões de hulha, da tara de 5.000 kilogrammas cada um, para uma viagem de 96 horas. Essa circumstancia faria de Lisboa o ponto inicial e terminus da navegação entre a Europa e a America do Sul. A Lisboa dos meados do seculo XX voltaria a ser o emporio maritimo do seculo XVI. E para servir essa grandiosa missão indispensavel seria realizar obras hydraulicas colossaes, construindo na margem sul do Tejo novos caes acostaveis, com profundidade sufficiente ao atacamto facil dos monstros fluctuantes. A supremacia dos grandes portos, como Lisboa e Rio de Janeiro, acarretaria a ruina de pequenos portos como Buenos Ayres. Seria forçoso parar no caminho das grandes

vos processos electroliticos decompor-se-hia a agua em seus dois elementos — oxigenio e hydrogenio —





OS CANOS DO «LUSITANIA»—Elevando-se a 48 metros de altura, as chaminés d'este enorme vapor excedem as das maiores fabricas

roubada á atmospha, não só por aparelhos especiaes em que cada mastro seria um condensador, mas ainda a produzida por pequenas ventoinhas collocadas ao longo d'ellas e movidas pelas correntes aereas, tendo cada uma applicado um dynamo capaz de produzir correntes intensas. Essas correntes viriam carregar os accumuladores, cuja energia transformada em trabalho produziria não só a propulsão do navio mas a sua iluminação e aquecimento! Ficaria assim restaurada, sob outro aspecto, a anachronica navegação á vela.

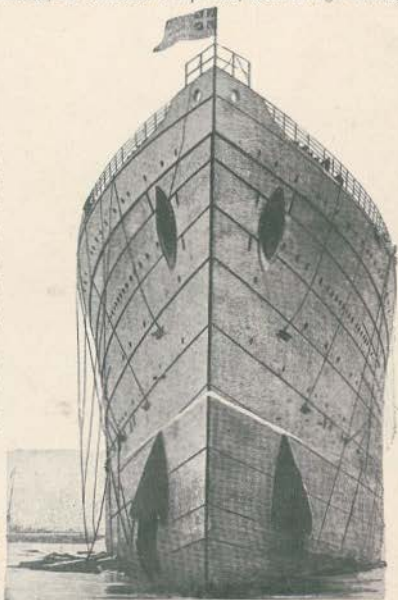
Utopias? Não é das utopias de hontem que é feita a sciencia de hoje? Gambetta ria de Thiers, que não acreditava no futuro dos caminhos de ferro, mas por sua vez suppoz o telephone um innocente brinquedo de creanças.

Imagine-se tambem a enorme quantidade de vitualhas que se torna necessaria para alimentar a immensa população que comporta cada um d'esses navios monstruosos. Verdadeiras cidades fluctuantes, o recenseamento dos seus habitantes conta-se naturalmente por milhares.

A tripulação indispensavel para manobrar qualquer d'estes steamers colossaes é já por si, como se comprehende, bastante numerosa. Para poder dar uma idéa a este respeito, citaremos a fórma por que é composta a do *Provence*, que, apesar de ser hoje o maior paquete francez, pouco mais tem, aliás, do que metade do *Lusitania*, visto que o seu comprimento não excede a 100 metros. Este navio da Companhia Transatlantica, lançado ao

mar em começos de 1905, e que tem feito a viagem de Paris a Nova York em cinco dias, 23 horas e 40 minutos, possui 446 pessoas de equipagem, que se dividem assim: 8 officiaes, comprehendendo o commissario de bordo e o medico, 15 officiaes mechanicos, 216 fogueiros e outros empregados nas machinas, 51 contramestres e marinheiros, 152 cozinheiros e criados e por ultimo 4 criadas de camara para as passageiras de primeira classe. O futuro paquete de 300 metros de comprimento e 30 nós de velocidade precisará, em consequencia, de ter approximadamente o dobro d'este pessoal.

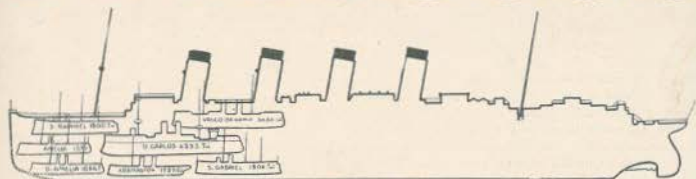
E' facil calcular, pois, tomando por base uma tripulação de 800 homens e o numero de 3:200 passageiros, para ter uma conta redonda, a assombrosa porção de alimentos e de bebidas que seria indispensavel embarcar para cada viagem, a fim de satisfazer as necessidades do appetite de quatro mil pessoas. Só em animaes vivos pôde suppôr-se, sem risco de ir muito longe da verdade, um rebanho composto de 40 bois, 12 vitellas, 26 carneiros e 8 porcos, além de 250 coelhos



O CASCO DO «LUSITANIA»—Dizia o antigo dictado: «Quanto maior a nau, maior a tormenta.» Imagine-se que grande tormenta será precisa para atormentar tamanha nau

e 3:000 gallinhas, perus e patos. O fornecimento da dispensa attinge, é claro, proporções correspondentes. O macarrão e o arroz, por exemplo, dariam para occorrer, durante uma semana, á alimentação, respectivamente, de uma aldeia italiana ou de uma povoação chinesa. O vinho, as aguas mineraes, os licores e demais bebidas juntas formariam, decer-





LUSITANIA 38 000 Ton<sup>as</sup>

Os PORÔES DO «LUSITANIA» — Dentro dos grandiosos porões da proa do «Lusitania» caberiam á vontade os principais vasos da nossa esquadra



UMA OMELETTE GIGANTESCA — A dispensa de cada um d'estes barcos é aprovionada para cada viagem com 30 a 35 mil ovos. Para os cozinhar de uma só vez não seriam exaggerados uma frigideira de tamanho do Terreiro do Paço, nem um fogareiro como o Vesúvio

erto, um lago, menos extenso do que o Léman, seguramente, mas tão profundo como elle.

Assim, a dispensa e a adega, os ani-



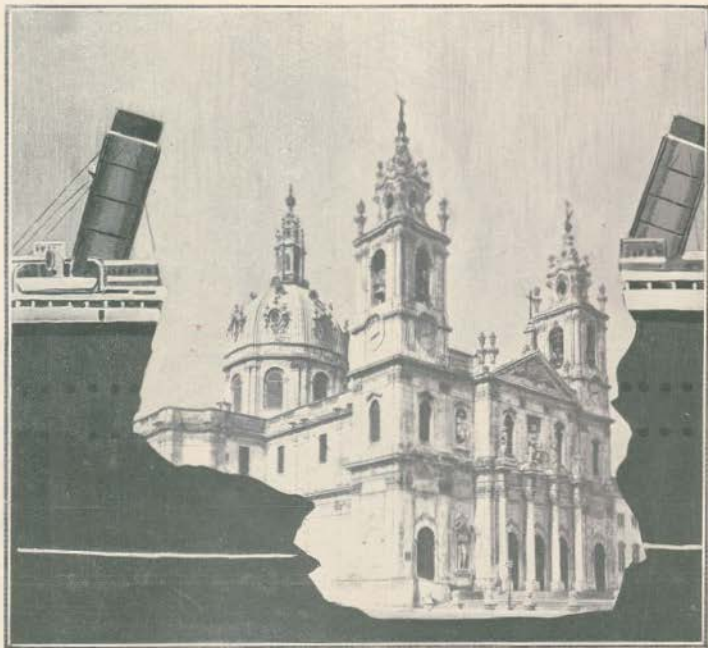
maes destinados a produzir carne, e ainda a alimentação propria para estes durante os dias em que tiverem de ser conservados vivos, occupam tambem a bordo um

importante espaço, que faz igualmente falta, como a immensa parte do navio abarrotada pelo carvão, para acommodar a carga de mercadorias.

N'esta parte, o ideal seria, por isso, tambem reduzir a ração diaria de cada individuo a uma pequena pastilha preparada n'uma officina chimica e contendo todos os principios alimentares indispensaveis á vida do homem. Uma simples caixa d'essas pastilhas, cabendo

bastante atrazada. Tenhamos fé, porém, em que a sciencia ha de realizar todas as conquistas sonhadas pela imaginação dos seus cultores, e em que, como disse já um d'elles, o seculo XX completará quanto o seu antecessor iniciou.

De nada cumpre que nos admiremos, po-



UMA BASILICA A BORDO — Todo o monumental templo da Estrella, com o seu celebrado zimbório de 44 metros de alto, poderia ser transportado a bordo do *Mauritania*, bastando a sua tripulação e passageiros para encher a respectiva nave, de feis, á hora da missa.

á vontade na algeibra do casaco, bastaria para assegurar, opiramente, a alimentação de cada passageiro ou tripulante nos quatro dias de duração da viagem. As repetidas descobertas de novos preparados alimentares, de que as fabricas de productos chimicos allemães teem sido tão prodigas nos ultimos annos, alguma esperanza nos deixam, de resto, de ainda vêr realisada esta outra utopia, embora, diga-se ao mesmo tempo a verdade, as opiniões controversas e as discussões dos physiologistas sobre o assumpto pareçam indicar que a solução do problema continua a estar por ora

rém, n'este tempo prodigioso de maravilhas scientificas, em que a phisica, a chimica, e a mechanica, especialmente, cada dia realisam nova conquista, mais extraordinaria do que a da vespera, mais singular e inesperada que todas as antecedentes.

Todas estas phantasias que ficam expostas correm por isso risco facil de tornar-se em realidades.

Confiemos em que, quando o Brazil fizer a sua primeira exposição universal, nós la possamos ir em quatro di s!—B. C.

(DESENHOS DE ALONSO E CLICHÉS DE BENJELI)

COMO NÓS VENCEMOS

NO

CUAMATO



1.º tenente da armada Victor de Sepulveda

CLICHÉ BOBONE)



(Continuação do n.º 100 e 101)

### III

#### Os amigos do Cuamato

Excepto nos pontos onde ha mattas de espinheiros intrincadas e n'alguns sitios muito difficéis de transpor, o matto não é em regra muito fechado e basta cortar algumas arvores para poderem passar carros E' n'estes pontos que os indigenas constroem as suas libatas, formadas de páu a pique e defendidas exteriormente por sebes de espinheiro e cujo interior é um verdadeiro labyrintho, com as cubatas dentro das suas divisões. Perto das libatas limpam o matto e formam os arimbos onde cultivam a *massambala* e o *massango* para a sua alimentação.

O genticio cria gado bovino em quantidade e tam-

bem cabras, porcos e gallinhas que muitas vezes se apanharam nas razias.

A caça parece ser: alguns antilopes e principalmente lebres que muitas vezes se levantaram no meio do quadrado lançando uma nota alegre durante as marchas.

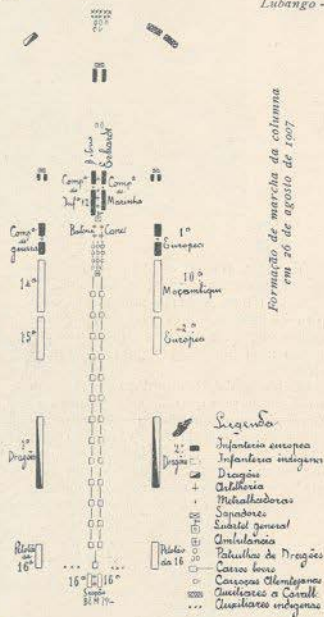
Os povos do Ovampo, que pertencem ao grande ramo conhecido pelo nome de *bantu*, podem classificar-se entre os povos superiores da Africa, não só pela sua robustez e elegancia, assim como feições mais corretas, mas tambem pela sua arrogancia e orgulho para com os outros povos de quem são em geral te-



Lubango — Officiaes na carreira de itro



Lubango — Bateria Canet em exercício de combate



magnificamente armado com espingardas e carabinas modernas e com grande municiamento de pólvora. O soba do Cuanhama, Nande, faz protestos d'amizade ao governo o que não impede que os seus *lengas* (2) ajudassem o Cuamato na ultima campanha.

Os Evales aliados do Cuanhama, partilham a sua politica. São dois sobados: o de *Cavanguelua* que foi visitado em 1905 por Eduardo Marques e o *Ihanguelua* seu inimigo.

Os Cuambis, dedicam-se á industria do ferro fornecendo os outros povos de armas brancas, que pela sua parte manejam na perfeição. Habitam quasi totalmente em territorio allemão tendo emigrado uma parte para o norte da nossa fronteira.

Citaremos ainda, sem nos determos, os Barantos, Cualudes, Ganjellas, Hingas, etc., que habitam em parte na possessão allemã e muitos dos quaes auxiliaram durante a guerra os nossos inimigos.

Fallaremos finalmente dos Cuamates, *Va-cuamatu* entre os indigenas, vigorosos inimigos do Cuanhama, mas, que á moda das nações da Europa, não tem duvida em se ligar com elle e aceitar o seu auxilio nas occasões de afflicção.

E' este o povo mais aguerrido de todo o Ovampo emuito justamente temido pelos seus

- (1) Negociantes ambulantes.  
(2) Chefes de guerra



Companhia expedicionaria de infantaria n.º 12

vinhos incluindo os povos da margem esquerda, taes como os Ganguellas, Ambuellas e os proprios Humbles onde as suas incursões annuaes, devastando, roubando e matando lançavam a desolação e a fome.

Especialmente depois do terrivel desastre do Pembe em 1904 tinham redobrado de audacia e as suas correrias tinham-se tornado mais frequentes. O Humbe foi atacado duas vezes chegando d'uma d'ellas os cuamatos a um kilometro da fortaleza. A Camba e a Dongoena tambem haviam sido devastadas. As nossas forças não podiam evitar estas incursões, porque a rapidez com que os invasores appareciam e retiravam tornava impossivel qualquer perseguição. Por

### Além Cunêne

O forte Roçadas situado no alto de um morro mesmo junto á margem esquerda está n'uma situação em que as boas condições estrategicas se alliam ao pittoresco da posição. E' como que a primeira sentinella lusitana além Cunêne de guarda á nossa linda bandeira, da qual a agua pura do rio reflecte — o azul e o branco.

Esta bella fortaleza, construida de parapetos de terra, com um bom fosso, formando tres faces e uma gola tem já actualmente casernas interiores, e exteriormente barracões para deposito. O todo é rodeado de uma larga rede de arame farpado, como primeira defeza. Uma linha de Décauville liga o forte com a margem direita



Mabera: Mulheres do lugar preparando a farinha

isso o gentio fiel da margem direita queixava-se amargamente por o governo lhes não garantir a segurança da vida e dos seus haveres, uma vez que lhes não permitia adquirir armas e munições para se defenderem contra os cuamatos *bem armados pelo contrabando de Benguella*, que pagavam generosamente com os bois roubados. As razias de 1905 embora muito uteis não foram sufficientes e o trabalho difficil da conquista do Cuamato pôde dizer-se que só foi efficazmente começado em 1906 pelo capitão Roçadas com a construção do forte, a que depois os seus officiaes pediram para que fosse dado o seu glorioso nome.

através de uma ponte apoiada nas margens, que repousa sobre batelões no centro do rio. A guarnição foi nos ultimos tempos uma companhia europea, uma secção de artilharia de montanha e a 17.<sup>a</sup> e 15.<sup>a</sup> companhias indígenas sendo a ultima, que tambem entrou em operações, commandada pelo capitão Lucinio Ribeiro, que era o commandante militar superior do Cunêne.

O forte Roçadas foi violentamente atacado nos dias 15 e 18 de fevereiro chegando os pretos a approximarem-se junto do arame. Foram repellidos por alguns tiros felizes de artilharia e pela sortida d'um pelotão capitaneado pelo tenente Severi-





Tchibulong: mulheres do Humbe

no, que commandou a 10.<sup>a</sup> de *landins* durante a campanha, e que logo n'essa occasião deu provas de grande coragem e sangue frio.

Esses dias serviram aos negros de lição pois que dizem ter ahí perdido muitas vidas; nunca mais se atreveram a atacar o forte e apenas se manifestavam de noite com alguns tiros isoque já se não ligava immunidades que chegaram outras acamparam namat-

Esse dia serviram aos negros de lição pois que dizem ter ahí perdido muitas vidas; nunca mais se atreveram a atacar o forte e apenas se manifestavam de noite com alguns tiros isoque já se não ligava immunidades que chegaram outras acamparam namat-

gem esquerda até que finalmente, a 15 de agosto, as que já estavam no Cuné foram todas acampar n'um grande morro na margem esquerda do rio, que ficou sendo conhecido pelo nome de «Morro fronteiro e ao sul do Forte Roçadas». Este morro que era completamente coberto de espinheiros foi limpo por degredados civis e soldados indigenas, aproveitando-se o matto cortado para formar uma linha de abatizes em volta, que foi reforçada com arame farpado.

O chefe de estado maior, que commandava na ausencia do governador, mandou

a terra era d'elles, que nos fossem embora, que nos haviam de bater, e mil outras imprecações. Estas fallas succederam-se nos dias seguintes percebendo-se por vezes a pronuncia *cuanhama* n'alguns d'aquelles oradores do sertão.

A 20 teve a columna a visita do governador geral da provincia

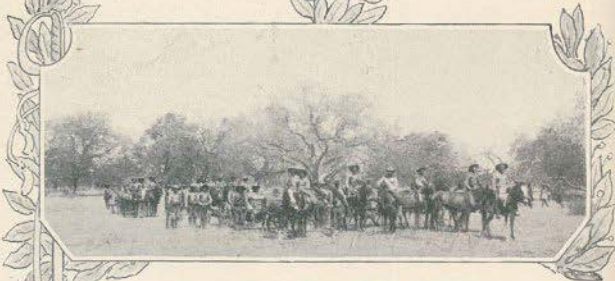
Paiva Couceiro que foi recebido com as honras do estylo, salvando a bateria Canet e estando a ponte ornamentada com verdura, bandeiras e tropheus. Passou revista ás tropas acompanhado pelo capitão Roçadas e pelo estado maior, achando-se as forças formadas em tres columnas, proferindo n'essa occasião uma allocução tocante.

No dia 21 de agosto finalmente era publicada a ordem de constituição da columna que ficou formada como segue:

Estado maior: Commandante: o governador do districto da Huilla, capitão José Augusto Alves Roçadas.

Chefe do estado maior: capitão Eduardo Marques; sub-chefe: tenente do serviço do estado maior Jorge Pinto de Mascarenhas.

Ajudantes: alferes de infantaria Germano Dias e José Velloso.



A bateria Canet



Um carro alemetano



*Officiais do quartel general*

Adjunto: alferes de cavallaria José da Costa.

As tropas eram: uma companhia de marinha, uma companhia de infantaria 12, uma companhia de guerra organizada em Loanda com voluntarios do batalhão disciplinar, a 1.ª e a 2.ª

companhias europeas, a 10.ª companhia indigena de Moçambique e a 14.ª, 15.ª, 16.ª e 17.ª companhias de Angola. Esta ultima não entrou em campanha, pois ficou de guarnição no forte Roçadas.

A artilharia eram as duas baterias Ehrhardt e Canet.

A cavallaria formava um grupo de dois esquadrões sob o commando do capitão Montez, official que já tomára parte nas campanhas de Moçambique, tendo por ajudante o tenente Lusignan d'Azevedo. O primeiro esquadrão era montado em mulas e o 2.ª em bons cavallos e armado de lança.



*Um grupo de officiaes*

salvos se lembrem que o preço da sua vida foi talvez a d'aquelle bondoso moço que tanto honrou a classe a que pertencia.



*Um grupo de auxiliares que tomou parte na campanha — A' frente e á direita o commendador José Lobes*

Falta ainda fallar dos serviços administrativos a cargo dos tenentes Ferreira e Saraiva e do comboio, com a sua secção de transporte d'agua, dirigido pelo alferes Germano Dias, em que foi auxiliado pelos boers Van der Waal, Andries Alberts e Wellen Wenter, de quem teremos occasião de fallar, e o ultimo dos quaes ganhou a Torre e Espada na campanha do Mulondo.

*Last but not least* citaremos o pelotão de sapadores, commandado pelo alferes de infantaria Jonet e formado por artifices degredados civis e soldados landins, que prestou valiosos serviços na abertura de caminho, construção de fortes, trabalhos de cacimbas, etc.

No total deveriam ser, entre europeus e indigenas, uns 1:800 homens de todas as armas.

No dia seguinte ao da constituição da columna foi que o auctor d'essas linhas chegou ao Morro fronteiro.

Tendo sido nomeado em Loanda para fazer parte

*Cunêue: Movimento de tropas na ponte*



distancia até ao Humbe em 11 dias, sendo um de descanso forçado por causa dos carregadores, que são um dos flagellos d'Africa. Chegámos assim na noite de 21 ao

forte Roçadas, juntamente com o tenente de cavallaria Martins Soares, que partirá com um dia de antecedencia e que encontrámos no Tchipe-longo. Eu fui nomeado adjunto ao estado maior.

O capitão Carrilho foi nomeado commandante do grupo das duas baterias, cargo que não chegou a exercer por ter sido logo encarregado do commando da escolta do comboio. Esta era formada pelos dois esquadrões flanqueando, e a guarda da reatguarda pela 16.ª companhia indigena commandada pelo capitão Ramos da Silva. Foi então que o governador pensou em que seria conveniente levar alguma artilharia na guarda do comboio e me encarregou de organizar uma secção com peças de bronze 7 c/m, systema Krupp. Assim fiz no pouco tempo que restava, no que me prestaram valioso auxilio o capitão Carrilho e o tenente Gonçalves. Ficou a secção B. E. M. 7 c/m constituída em 24 com um pessoal bastante mixto: um sargento d'artilharia, seis praças do batalhão disciplinar e um cabo e uma soldado da gente apeada dos esquadrões. N'esse dia e no seguinte deu-se uma rapida instrucção e lá fomos fechando a marcha d'aquella columna que ia

*Tchahofenda: Aspecto geral do bivaque da columna*



da columna, segui immediatamente para Mossamedes e tendo-me reunido com o capitão de artilharia João Luiz Carrilho, que viera de Moçambique, partimos em 9 de agosto para o kilometro 73. Ahi, depois de innumeradas difficuldades para arranjar carregadores, montámos a cavallo e com marchas forçadas, caminhando de madrugada até á noite, conseguimos vencer a

sim fiz no pouco tempo que restava, no que me prestaram valioso auxilio o capitão Carrilho e o tenente Gonçalves. Ficou a secção B. E. M. 7 c/m constituída em 24 com um pessoal bastante mixto: um sargento d'artilharia, seis praças do batalhão disciplinar e um cabo e uma soldado da gente apeada dos esquadrões. N'esse dia e no seguinte deu-se uma rapida instrucção e lá fomos fechando a marcha d'aquella columna que ia

*Morro fronteiro ao forte Roçadas: Um aspecto do bivaque*





Tchahafenda: Outro aspecto do bivaque

destruir a lenda da invencibilidade do Cuamato. Lembro-me que pouco antes da partida alguns dos meus soldados estavam tristes por não se ter podido completar a instrução, e então eu para os animar sim, mas também por uma extraordinária inspiração, como que um presentimento, voltei-me para elles, esses meus queridos companheiros e disse: — Rapazes! descançem que quem vier commigo não morre nem é ferido!

E tive a suprema felicidade de assim ter succedido!

Ainda antes da partida da columna, houve um reconhecimento no dia 22, em que a companhia de marinha e o 1.º de dragões, sob o commando do chefe de Estado Maior, foram ao vão do João, para ver se era praticavel aos carros, reconhecendo-se a impossibilidade d'elles passarem. A lancha *Cunéne* acompanhou-os pelo rio. Viram alguns cuamatos, que não se manifestaram hostilmente.

A 24 sahú o pelotão de sapadores, protegido pela marinha e infantaria 12, para abrir caminho através da densa matta de espinheiros que flanquea a margem do Cunéne, serviço que foi muito difficil e demorado por a matta ser muito fechada.

Abriam-se tres caminhos, n'uma extensão de 4 kilometros, sendo o do meio mais largo a fim de dar passagem ao comboio.

Durante a estada no morro fronteiro não cessaram os preparativos para a marcha, trabalhando todos com boa vontade para que ella se fizesse nas melhores e mais efficazes condições.

Finalmente a 25 ficou levantado o bivaque, sendo as barracas guardadas no forte; ia-se dormir pela primeira vez ao ar livre como seria sempre d'ahi em diante. Ficou determinado que cada official só levasse para as operações um cobertor e um impermeavel e as praças o capote ou manta a tiracolo, envolvido em um panno de tenda abrigio ou lençol impermeavel, conforme possuam uma ou outra cousa. Foi esta a unica bagagem que nos

foi permittido levar para a campanha, ficando o restante arrecadado nos barracões do forte Roçadas. Cada soldado transportava tambem rancho frio para dois dias.

N'esta mesma tarde de 29 era dada a ordem de marcha para a manhã seguinte, sendo passada uma revista geral pelo commandante da columna.

Pouco depois o sol baixava no horizonte mergulhando nas trevas o acampamento e nós procurámos um sitio onde descançarmos aquella noite de despedida ao morro onde se organisára a nossa columna.



Centro da face esquerda

Era já ámanhã esse dia feliz em que iamso penetrar em terras do Cuamato para vingar a affronta feita, tres annos antes, aos nossos irmãos de armas; o nosso coração trasbordava d'alegria com a confiança que tinhamos na victoria!

E cada um de nós ao adormecer n'essa noite emocionante recordava, uma a uma, as ultimas palavras do governador Paiva Couceiro na sua allocução ás tropas:

«Que a columna avance pois e corde de louros e levante bem alto essa bandeira cuja guarda e defeza a nação aqui lhe entrega!»

ALVARO PENALVA.  
(Continúa)



Angulo S E do bivaque

SUAS · MAGESTADES ·  
EM · VILLA · VIÇOSA ·



SUA magestade El-rei, sua magestade a Rainha e suas altezas o Príncipe Real e o Infante D. Manuel passaram quasi todo o mez de janeiro em Villa Viçosa, realisando-se diversas caçadas na Tapada real.

A pittoresca villa alemtejana, antiga côrte da serenissima casa e estado de Bragança, tem apresentado, por esse



S. M. El-rei e o senhor Infante D. Manuel antes da caçada (CLICHÉ DO SR. JOSÉ PINTO DOS SANTOS) — A porta dos Nós no Paço de Villa Viçosa (CLICHÉ DE BENOLIEL) — S. M. a Rainha e a sr.<sup>a</sup> condessa de Figueiró; junto a um sobreiro S. M.<sup>o</sup> El-rei e o sr. Wenceslau de Lima (CLICHÉ DE S. A. O PRINCIPE REAL)



motivo, uma desusada animação, que parece fazel-a rejuvenescer.

Villa Viçosa fica, como se sabe, assente n'um ameno valle, abrigado pela serra de Borba, e que por mostrar-se sempre verdejante deu á villa a sua graciosa denominação.

O palacio real, todo construido em marmore de Montes Claros, fica situado ao norte da povoação, ficando na sua parte posterior os vastos jardins e a seguir a magnifica quinta chamada do Reguengo. Este palacio, feito em substituição do que existia no velho castello, onde viveram os primeiros duques de Bragança, foi principiado, em 1501, pelo quarto duque D. Jayme e continuado e ampliado pelos seus successores. Era outr'ora decorado interiormente com bastante riqueza e luxo. Diz



Os srts. condes de S. Lourenço e de Arnozo passeando a cavallo (CLICHÉ DE BENOLIEU) — S. A. o Infante D. Manuel (CLICHÉ DE S. M. EL-REI) — S. S. A. A. o Príncipe Real e o Infante D. Manuel (CLICHÉ DE S. M. EL-REI)



um escritor: «Vestiam-lhe as paredes das suas numerosas salas e quartos preciosas telas de brocados, velludos e guadamecins, bordados a ouro e prata, e cobriam-lhe os pavimentos cus-



Uma descanzo: Conde de Arnoso, El-rei, visconde de Reguengos (D. Jorge), Infante D. Manuel (CLICHÉ DE S. A. O PRINCEPE REAL) — Passeando a cavallo: capitão Alvim, coronel Malaquias de Lemos e José Pinho dos Santos (CLICHÉ DE BENOLILÉ)

tosas alcatifas. Nada d'isto hoje lá se encontra e as salas estão quasi nuas de ornamentos, exceptuando uma de grandes dimensões, denominada a Sala dos Tudescos, na qual se vêem os retratos de todos os duques de Bragança e de outros principes d'esta familia, pintados a oleo e em corpo inteiro, por Pedro Antonio Quillard, pintor notavel francez, ao serviço de D. João V.»

A Tapada real, cujo comprimento é de seis

Uma porta: S. A. o Principe Real, conde de S. Lourenço, e o sr. conde de Arnoso, apontando (CLICHÉ DE S. M. EL-REI)

kilometros por tres de largura, constituindo assim um dos mais opulentos dominios venatorios da peninsula, celebrado por Lope Vega, foi tambem começada pelo mesmo duque D. Jayme. A casa de Bragança possuia então uma herdade além da ribeira de Borba até Asseca, chamada o *Mato*, por ali haver azinho nativo. Aquelle príncipe mandou-a cercar de muros e lançar-lhe dentro veados, gamos e javalis; o primeiro duque D. João, avô do nosso rei D. João IV, acrescentou-a annexando-lhe varias outras propriedades; por ultimo D. João V augmentou-a tambem; e d'este modo se formaram progressivamente os extensissimos bosques e jardins, e se construíram as casas de campo, que fizeram da Tapada de Villa Viçosa uma das mais famosas coutadas de caça.

Modernamente, uma parte importante da magnificante pro-



*El-rei vestido á alemtejana dando ordens a um chefe dos baiedores—Depois do almoço na Tapada: Suas magestades e atezas com as suas comitivas e convidados—El-rei e o sr. conde d'Arnuoso seguidos de baiedores*

(CLICHÉS DO SR. JOSÉ PINTO DOS SANTOS)



priedade, aproximadamente dois terços, está applicada á agricultura e criação de gados, tendo apenas sido reservado o seu terço restante para viveiro de caça.

Na Tapada de Villa Viçosa tem por costume El-rei organizar partidas de caça, para as quaes convida pessoal da sua casa civil e militar, os predilectos da sua *entourage* palaciana e ás vezes mesmo algum homem politico entre os mais afiecoados á cõrte. Em Villa Viçosa, El-rei recebe os seus amigos fidalgamente, como os duques de Bragança seus antepassados. Mas nunca, como agora, a cõrte se demorou tanto no historico solar de Villa Viçosa, de onde os conspiradores de 1640 trouxeram para o throno de Portugal o duque D. João II. Por motivos que seria obvio esclarecer, a actual estação venatoria da cõrte portugueza tem uma singular importancia historica. A *Illustração Portugueza* lisongeia-se de poder documental-a com alguns clichés de El-rei e do Príncipe herdeiro.



Na Tapada. Esperando a caça junto a um sobreiro os srs. conde de Tarouca, dr. Manuel de Castro Guimarães, e Malaquias Lemos apontando (CLICHÉ DE S. M. EL-REI)—El-Rei indicando aos caçadores as suas posições (CLICHÉ DO SR. JOSÉ PINTO DOS SANTO)



# Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, aformoseados, fortificados com as **Pílulas Orientaes**

O único producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saúde. Aprovado pelas notabilidades medicas.

**J. Ratifé, Ph. S, Passage Verdau, PARIS.** Frasco com instruções, **1\$500 rs.** Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C.ª, 39, R. Augusta, LISBOA**

# Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobrecrindo (Chomar), Penedo e Casal d' Bemio (Louza), Valle Aator (Albergaria a Velha).

# Papel do Prado

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51



Ender. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO PRADO—PORTO—LISBOA Numero telephonico: 508



## INSTITUTO de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Products scientificos invisiavelmente aprovados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a cor empregue todas as manhas os maravilhosos productos: **Looção Creme** e **Pó Klytia**. Instruções para o seu emprego. **Tintura vegetal** garantida e inofensiva. **Looção capilar** para evitar a queda dos cabelos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua cor natural. **Depilatorio perfumado** com extracto d'ervas do Oriente para evitar os pelos e fazendo-os desaparecer completamente. O **Instituto de belleza** deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embelezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar. 26, Place Vendôme, 26—PARIS

## BAUME BENGUÉ

Cura totalmente

### RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Rambert, Paris, e em todas as Pharmacias.



NOUVEAU PARFUM  
**PRINCIA VIOLET**  
 25, 28, B<sup>is</sup> des Italiens, PARIS

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSICOES e FORNECEDORA da CASA REAL

## Violet

SABÃO REAL  
de  
THRIDAGE

PARIS Sabão "Violetine"

Artem. para a higiene e a belleza da Pelle e Alveara da Boca.

## Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

**EXTRACÇÃO** de dentes sem dor desde 20 rs.

Colocação de dentes desde 10 rs.

Consultorio Cirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.  
(Ao Calhariz)

TELEPHONE 1.883

## Ourivasaria "CHRISTOFLE"

Uma Só e Unica Qualidade

### A Melhor

Para obtela e tambem  o Nome "CHRISTOFLE" sobre cada peça.

**EXIJA-SE** esta Marca

# Automobilistas Casa Michelin



Pedi a nova tarifa com redução de preços da

É com grande prazer que damos aos chauffeurs e proprietários de automoveis esta agradável e util notícia.

**"Bibendum"** (o pneumatico "MICHELIN") acaba de estabelecer uma grande baixa de preços para Portugal.

Como é sabido e notorio a casa Michelin não perde nunca o ensejo de servir cada vez melhor os numerosos adeptos da sua marca. A actual baixa de preços vem mais uma vez confirmar este facto, fazendo aproveitar a baixa de preços da borracha em favor do automobilismo.

Desnecessario se torna dizer que a casa Michelin, diminuindo os preços dos seus productos, em nada altera a sua qualidade. Os ultimos successos obtidos em todas as provas e corridas de 1907 são a melhor garantia da qualidade dos artigos Michelin.

A nova tabella com a baixa de preços encontra-se em casa de todos os stockistas da marca Michelin em Portugal, a saber:

Oliveira & C.<sup>a</sup>—Avenida Navarro, Coimbra.

Albert Beauvalet & C.<sup>a</sup> —Praça dos Restauradores (Avenida da Liberdade), Lisboa.

A. Black & C.<sup>a</sup> —30, R. da Boa Vista, 32, Lisboa.  
Laurencel & Oliveira —86, Avenida D. Amelia, Lisboa.

Ricardo O'Neill—Rua do Alecrim, 10, 3.<sup>o</sup>, Lisboa.  
Sociedade Portuguesa de Automoveis Lt.<sup>da</sup>—Rua Alexandre Herculano, Lisboa.

Eduardo Placido & C.<sup>a</sup> —Rua d'Assumpção, 58, 2.<sup>o</sup>, Lisboa.

Central Motor Store & Garage —193, Rua de S. José, Lisboa.

Teixeira & Irmão—11, Poço do Borratem, Lisboa.  
Casal Irmãos & C.<sup>a</sup> —14, Rua de D. Carlos, 84, 1.<sup>o</sup>, Porto.

Teixeira & Irmão —153, Rua de Sá da Bandeira, 157, Porto.

Empreza Portuense de Automoveis, Ltd.—24, Rua da Liberdade, 48, Porto.

João Garrido —16, Rua de Passos Manoel, 20, Porto.

## Concurso de 1908

**NINGUEM FICARÁ DESCONTENTE**

Todos os concorrentes sem excepção serão premiados. A **ULTIMA PALAVRA EM CERTAMENS JORNALISTICOS**

### Uma excursão á Ilha da Madeira

*Navio fretado expressamente pelo SEGULO*

EXCURSÕES Á FRANÇA, Á INGLATERRA E Á ITALIA

### Um chalet! Um hiate! Dois automoveis!

Brilhantes excursões. Viagens encantadoras. Espectaculos maravilhosos

**TUDO** quanto a imaginação mais fertil possa idealisar

**Tantos premios quantos forem os concorrentes**